

o gigante
invisível

bram stoker



tradução guilherme kroll

O tempo transcorre no Reino do Pôr do Sol mais ou menos como aqui.

Muitos anos haviam se passado e muitas mudanças trouxeram consigo. Agora, encontramos uma era em que as pessoas que viveram à época do bom rei Mago dificilmente reconheceriam sua bela terra se tornassem a vê-la.

Tristemente, havia mudado. Já não havia o mesmo amor ou a mesma reverência para com o rei; não mais havia a perfeita paz. O povo tornara-se cada vez mais egoísta e ganancioso, as pessoas tentavam tomar tudo quanto podiam para si. Poucos eram muito ricos e muitos eram muito pobres. A maioria dos belos jardins tinha se tornado depósito de entulhos. Casas brotavam e cresciam cada vez mais próximas do palácio, e, em algumas delas, moravam muitas pessoas que só podiam se dar ao luxo de pagar por uma fração de sua residência.

Todo o belo reino estava lamentavelmente diferente, e mudada estava a vida de seus moradores. O povo quase se esquecera do príncipe Zaphir, que morrera há muitos e muitos anos, e não mais espalhavam rosas pelas ruas. Aqueles que agora habitavam o Reino do Pôr do Sol zombavam a ideia do retorno dos gigantes e não os temiam, pois não os podiam ver. Alguns diziam:

— Besteira! O que pode haver para se temer? Mesmo se outrora existiram gigantes, hoje em dia não há mais nenhum.

E, assim, as pessoas cantavam e dançavam e festejavam como antigamente, e pensavam apenas em si mesmas. Os Espíritos que protegiam o Reino se entristeciam. Suas grandes asas brancas e sombrias pendiam pesarosamente enquanto guardavam seus postos nos Portais do Reino. Escondiam seus rostos, e seus olhos estavam semicerrados de pranto contínuo, de forma que não conseguiam notar se algum mal passasse por eles. Tentavam fazer as pessoas refletir sobre seus erros, mas não podiam deixar os seus postos. E, ao ouvir o seu choro durante a noite, as pessoas diziam:

— Ouçam os suspiros da brisa, que doces!

Assim também acontece conosco, ao ouvirmos o vento suspirando, chorando e soluçando perto de nossos lares nas noites solitárias, não pensamos que nossos anjos possam estar sofrendo por nossos desvios, mas somente que exista uma tempestade a caminho.

Os anjos, então, prantearam ainda mais, e se condoeram de sua mudez, já que, embora pudessem falar, falavam a quem não os escutava.

Enquanto o povo escarnecia a ideia de gigantes, havia um ancião que, quando os ouvia, balançava a cabeça e respondia a todos:

— A Morte tem muitos filhos, e há gigantes nos pântanos ainda. Talvez vocês não possam vê-los, mas eles estão aí, e o único baluarte da segurança está na terra dos corações pacientes e fiéis.

O nome desse bom e velho homem era Knoal, e ele vivia em uma casa feita de grandes blocos de pedra, no meio de um lugar selvagem, longe da cidade.

Na cidade, havia muitas casas grandes e velhas, de andares e mais andares de altura, e, nessas residências, viviam muitas pessoas pobres. Quanto mais alto se escalasse as grandes escadas íngremes, mais pobres eram os moradores, de forma que nos sótãos estavam alguns tão miseráveis que quando amanhecia, não sabiam se teriam o que comer durante o dia. Era muito, muito triste, e os leitores chorariam se tivessem visto a sua dor.

Em um desses sótãos, vivia uma solitária menina chamada Zaya. Ela era órfã, pois seu pai morrera havia muitos anos e sua pobre mãe, que labutara muito e fadigosamente por sua querida e única filhinha, falecera, também, não muito depois dele.

A pobre e pequena Zaya chorara amargamente ao ver o corpo inerte de sua querida mãe, e o pesar e a infelicidade a tomaram por tanto tempo que praticamente se esquecera de que não tinha meios para se sustentar. Entretanto, os pobres habitantes da casa deram a ela de sua própria comida para que não morresse de fome.

Após um tempo, ela tentou trabalhar por si só e ganhar seu próprio sustento. Sua mãe a havia ensinado a fazer flores de papel, e então, ela se pôs a produzir um monte de flores. Quando juntava uma cesta cheia, levava tudo até as ruas e as vendia. Fez flores de todo tipo: rosas e lírios, violetas e campânulas, prímulas e resedás, e muitas outras belas florações que nascem no Reino do Pôr do Sol. Algumas ela conseguia fazer sem

ter um padrão a seguir, mas com outras não era possível, então, quando ela queria uma referência, pegava uma cesta com papel, tesoura, cola, pincéis e escovas, todas as coisas que ela usava, e ia até o jardim de uma bondosa senhora, lugar onde cresciam vistosas flores. Ali ela se sentava e trabalhava, observando as plantas que escolhia.

Algumas vezes, ficava bem triste, e suas lágrimas caíam numerosas e constantes enquanto pensava na querida mãe. Frequentemente, sentia que sua genitora olhava por ela e conseguia ver o caloroso sorriso em raios de sol que batiam na água. Então seu coração se alegrava, e ela cantava com tamanha doçura que os pássaros se reuniam ao redor e paravam seu próprio canto para ouvi-la.

Os passarinhos e ela se tornaram grandes amigos, e, às vezes, quando ela melodiava algo, elevavam suas vozes junto, enquanto a rodeavam, em algumas notas que pareciam dizer muito claramente:

– Cante para nós mais uma vez. Cante para nós!

Então ela cantava de novo e pedia a eles que a acompanhassem, e eles o faziam até tudo se tornar um verdadeiro concerto. Após algum tempo, os passarinhos a conheciam tão bem que iam até o seu quarto e construíam os seus ninhos lá, e a seguiam onde quer que ela fosse. As pessoas costumavam dizer:

– Olhe para a garota com os passarinhos! Ela deve ser meio-pássaro para que eles a amem desta maneira.

E tantos eram os que diziam coisas como essas, que algumas pessoas bobas começaram a acreditar que ela era realmente parte passarinho, e sacudiam suas cabeças quando os sábios riam e lhes diziam:

– De fato, ela deve ser. Ouçam-na cantando, a voz dela é até mais doce que as dos pássaros.

Foi daí que ela ganhou o apelido de “Passarona”, e meninos zombeteiros passaram a chamá-la assim na rua. Porém, Zaya não se incomodou com o nome e, embora os meninos zombeteiros continuassem chamando-a assim para magoá-la, ela não desgostava, ao contrário, estava tão glorificada com o amor e a confiança dos seus pequenos amigos plumados que ela queria ser vista como eles.

De fato, seria muito bom para alguns meninos e meninas levados se eles fossem bons e inofensivos como passarinhos que trabalham o dia todo para os seus filhotinhos desamparados, construindo ninhos e trazendo comida, e chocando pacientemente os pequenos ovos de cascas manchadas.

Uma noite, Zaya sentou-se sozinha em seu sótão, bastante triste e solitária. Era uma agradável noite de verão, e ela sentara-se no parapeito da janela a observar a cidade. Podia ver por cima das muitas ruas em direção à grande catedral cujo campanário se elevava em direção ao céu, muito mais alto até que a grande torre do palácio do rei. O vento mal soprava, e a fumaça subia direto das chaminés, sendo carregada até se dissipar completamente.

Zaya estava triste. Pela primeira vez em muitos dias seus pássaros não estavam por perto, e ela não sabia aonde tinham ido. Parecia a ela que a tinham abandonado, e ela estava tão solitária, pobrezinha, que chorava lágrimas de amargura. Lembrava-se da história que há muito tempo sua mãe havia lhe contado, de como o príncipe Zaphir havia matado o gigante, e se perguntava como o príncipe seria. Disso, passou a imaginar o quão feliz o povo deve ter sido quando Zaphir e Bluebell eram o rei e a rainha. Então se perguntou se poderia haver alguma criança que passasse fome nos dias bons, e se, de fato, como o povo disse, não havia mais gigantes, e continuou com seu trabalho diante da janela aberta.

Foi enquanto cuidava de seu trabalho e observava toda a cidade que viu, ao longe, algo terrível. Algo tão terrível que ela deu um grito agudo de medo e susto, e inclinou-se para fora da janela, protegendo os olhos com as mãos para ver mais claramente.

E na linha do horizonte além da cidade, ela viu uma vasta forma sombria que elevava seus braços. Estava envolta em um grande manto nebuloso que a cobria, desaparecendo no ar, de maneira que Zaya só podia ver o rosto e as mãos espectrais e sombrias.

A criatura era tão poderosa que a cidade diante dela parecia ser um brinquedo de criança, mas estava ainda longe.

O coração da pequena pareceu se paralisar de medo enquanto ela pensava consigo mesma: “Os gigantes, então, não estão mortos. Este é um deles”.

Rapidamente, correu escada abaixo, em direção à rua. Viu algumas pessoas e gritou:

– Vejam! Vejam! O gigante, o gigante! – E apontou na direção da criatura, que continuava indo para a cidade.

As pessoas olharam para cima, mas não conseguiram ver nada, e então riram e disseram:

– A criança está louca.

Então, a pobre e pequena Zaya ficou, mais do que nunca, assustada e correu rua abaixo, ainda gritando:

– Vejam, vejam! O gigante, o gigante!

Mas ninguém prestou atenção nela, e todos diziam:

– A criança está louca. – E seguiam seus caminhos.

Então os meninos levados se aproximaram e começaram a gritar:

– Passarona perdeu os amigos. Ela enxerga um pássaro ainda maior no céu, e o deseja. – E fizeram zombarias, cantaram e dançaram ao seu redor.

Zaya fugiu deles; e se apressou em direção a saída da cidade, e para o campo além dela, onde via a grande forma adiante.

À medida que seguia, chegando cada vez mais próxima do gigante, tudo ficava mais escuro. Consequia ver apenas as nuvens, mas ainda era possível distinguir a forma do gigante, turva no ar.

Uma névoa fria se arredoava à medida que o gigante parecia ir em sua direção. Pensou em todas as pobres pessoas na cidade e desejou que o gigante os poupasse. Ajoelhou-se diante dele e levantou as mãos, em um gesto de apelo, gritando:

– Oh, grande gigante, poupe-os, poupe-os!

O gigante, porém, seguiu em frente, como se não tivesse ouvido nada. Ela gritou ainda mais alto:

– Oh, grande gigante! Poupe-os, poupe-os! – E ela se curvou em uma reverência e chorou, e o gigante permaneceu em sua rota, ainda que bem devagar, em direção à cidade.

Havia um ancião não muito longe, parado à entrada de uma pequena casa feita de grandes blocos de pedra, mas a garota não o notou. O rosto dele exibia uma expressão de medo e assombro, e quando ele viu a criança se ajoelhar e levantar as mãos, aproximou-se e ouviu a sua voz. Ao escutar o que ela dizia, murmurou para si mesmo:

– É como eu temia. Ainda existem gigantes, e esse é um deles.

Ele olhou para cima, mas não viu nada e murmurou mais uma vez:

– Nada vejo, mas essa criança vê. No entanto, temo, porque me foi dito que há perigo. Verdadeiramente o conhecimento é mais cego que a inocência.

A menina, ainda sem saber que havia outro ser humano próximo dela, gritou novamente, em desespero:

– Oh, não faça nenhum mal a eles, grande gigante. Se alguém deve sofrer, deixe que seja eu. Leve-me, estou disposta a morrer, mas poupe-os. Poupe a todos, grande gigante, e faça comigo o que quiser. – Mas o gigante não lhe obedeceu.

E os olhos de Knoal, o referido idoso, encheram-se de lágrimas, e ele disse a si mesmo:

– Oh, nobre criança corajosa, ela se sacrificaria! – E, chegando perto da menina, colocou a mão sobre sua cabeça.

Zaya, que mais uma vez abaixara a cabeça, sobressaltou-se e olhou à sua volta quando sentiu o toque. Entretanto, quando viu que era Knoal, ficou confortada, pois sabia o quão bom e sábio ele era, e sentiu que se alguma pessoa poderia ajudá-la, seria ele. Então, agarrou-se a ele, pressionando sua face contra seu peito, enquanto o senhor acariciava os cabelos da menina e a acalmava. Mas ainda assim, ele nada conseguia ver.

A névoa passou por eles e, quando Zaya olhou para cima, viu que o gigante estava passando em direção à cidade.

– Venha comigo, minha jovem – disse o velho homem, e os dois se levantaram e foram em direção à habitação construída com grandes blocos de pedra.

Assim que Zaya adentrou o aposento, ela começou a tremer, pois o interior era como um túmulo. O velho sentiu o tremor, pois ele ainda a tinha perto, e disse:

– Não chore, pequenina, não há nada a temer. Esse lugar lembra a mim e a todos que entram nele um

túmulo, o lugar que todos iremos quando o fim chegar. Não o tema, pois ele se tornou um lar acolhedor para mim.

Então a jovem se acalmou e começou a examinar mais atentamente o ambiente ao redor e pôde ver todos os tipos de instrumentos curiosos e todos os tipos de ervas, indo desde as mais estranhas até as mais comuns, que crescem em cantos úmidos das paredes. O ancião a observou em silêncio, até o medo evanescer, e então disse:

– Minha menina, você viu as feições do gigante quando ele passou?

– Sim – ela respondeu.

– Você poderia descrever o rosto dele para mim? – ele perguntou novamente.

Foi aí que ela começou a contar tudo o que tinha visto. Como o gigante era tão imponente que parecia preencher o céu. Como os grandes braços foram desdobrados, revelados em sua túnica, cuja capa se estendia até bem longe, perdendo-se no ar. Como o rosto era o de um homem forte, implacável, mas sem malícia, e os olhos eram cegos.

O velho estremecia conforme ouvia o relato, pois ele sabia que o gigante era terrível, e chorou ao pensar na cidade condenada, onde tantos pereceriam na névoa de seus pecados.

Eles determinaram que iriam adiante e alertariam mais uma vez as pessoas condenadas, e sem mais delongas, o velho e a menina se apressaram em direção à cidade.

Assim que deixaram a pequena casa, Zaya viu o gigante diante deles, avançando em direção à cidade. Ele se apressaram ainda mais, atravessaram a névoa fria, e então Zaya olhou para trás e viu o gigante atrás deles.

Passado pouco tempo, chegaram à cidade.

Era uma visão estranha, o velho e a jovem correndo para avisar às pessoas da terrível praga que se abateria sobre todos. Os alvos cabelos e barba do homem e os fios dourados da menina se balançavam contra o vento, tão rápido que vinham. Seus rostos eram brancos como a morte. Logo em seguida, visto apenas pelo coração puro da menina quando ela olhava em sua direção, vinha a passos lentos, o gigante espectral, espalhando sua sombra escura no ar crepuscular.

Porém, aqueles que estavam na cidade nunca viram o gigante, e quando a menina e o velho os avisaram, ainda assim não os atenderam, mas os zombaram e escarneceram, dizendo:

– Bobagem! Não existem gigantes hoje em dia. – E seguiram seus caminhos, ainda rindo e zombando.

Então, o ancião veio e pôs-se em um lugar elevado entre eles, subindo no menor degrau da grande fonte, com a pequena a seu lado, e falou:

– Oh, povo, moradores desta terra, alertem-se a tempo. Essa jovem de coração puro, cuja inocência atrai até os menores passarinhos que temem homens e mulheres, viu, essa noite, a forma de um gigante que avança sempre em direção à cidade. Acreditem, acreditem, e se alertem, enquanto podem. Para mim, assim como para vocês, o céu está vazio, e ainda assim eu acredito. Então, escutem-me: sem saber que outro gigante tinha invadido nossa terra, sentei-me pensativo em minha morada, e então, sem causa ou motivo, veio em meu coração um súbito medo pela segurança de nossa cidade. Eu me levantei e olhei de norte a sul, de leste a oeste, de alto e a baixo, sem que pudesse ver nenhum sinal de perigo. Então disse a mim mesmo que meus olhos estavam turvos por uma centena de anos de vigília e espera, e por isso não posso ver. Ainda assim, meu povo, moradores desta terra, embora esse século tenha turvado meus olhos exteriores, esse tempo apurou meus olhos interiores, a visão de meu espírito. Novamente, eu segui em frente, e eis essa pequena criança ajoelhada implorando ao gigante, invisível para mim, que poupasse a cidade. Mas ele não a ouviu, ou, se a ouviu, não a respondeu, e ela prostrou-se. Então, aqui viemos para avisá-los. Logo mais, diz a menina, ele passará pela cidade. Oh, alertem-se, alertem-se a tempo.

Ainda assim, as pessoas não se apuraram, tanto mais zombaram, dizendo:

– Oh, tanto a garota quando o velho estão loucos. – E seguiram o caminho de casa, para dançar e banquetear como antes.

Em seguida, os meninos levados surgiram e se juntaram à zombaria, dizendo que Zaya tinha perdido seus pássaros e enlouquecido, fazendo musiquinhas e dançando ao redor deles.

O pesar de Zaya pelas pessoas era tão grande que não se incomodou com a crueldade dos meninos. Percebendo que ela não os notava, alguns deles ficaram ainda mais rudes e desagradáveis, indo um pouco para trás e atirando coisas nela e zombando ainda mais.

Entristecido, o velho pegou a menina pela mão e a levou embora, para a floresta, e abrigou-a com ele na casa feita com grandes blocos de pedra. Naquela noite, Zaya dormiu com o doce odor das ervas que secavam ao redor, e o velho segurou sua mão para que ela não sentisse nenhum medo.

De manhã, Zaya levantou-se e acordou o velho, que tinha caído no sono em sua cadeira.

Ela foi até o batente da porta e olhou para fora da casa, então um estremecimento de alegria tomou seu coração, pois seus passarinhos a esperavam, juntos com muitos mais. Quando os pássaros a viram, cantaram alegremente em alto e bom som, e revoaram no entorno numa brincadeira boba da qual ela não pôde evitar rir.

Quando Knoal e Zaya já tinham tomado seu café da manhã frugal, dando um pouco para os pequenos amigos plumados, eles se prepararam, com pesar nos corações, para visitar a cidade e tentar mais uma vez alertar as pessoas. Os pássaros voavam acompanhando, à medida que avançavam, cantando melodias alegres para tentar animá-los, a despeito de seu próprio pesar.

Conforme a caminhada avançava, conseguiam ver diante deles o sombrio gigante, que estava, então, bem próximo à cidade.

Uma vez mais, alertaram as pessoas, e grandes grupos se reuniram a sua volta, mas apenas para mais zombaria, agora mais que nunca, com mais meninos levados atirando pedras e paus nos passarinhos e matando alguns. A pobre Zaya chorou amargamente, e o coração de Knoal se entristeceu profundamente. Após algum tempo, eles se afastaram da fonte, e quando Zaya olhou para cima notou, com agradável surpresa, que o sombrio gigante não podia ser visto em parte alguma. Ela gritou de alegria, e as pessoas riram e disseram:

– Criança astuta! Percebe que ninguém acreditará nela, então finge que o gigante foi embora.

Eles a cercaram, escarnecendo, e alguns disseram:

– Vamos colocá-la na fonte e dar um caldo nela, como uma lição para os mentirosos que quiserem nos amedrontar.

Então eles se aproximaram com ameaças. Ela se abraçou a Knoal, que permanecera terrivelmente solene quando lhe dissera que não via mais o gigante, e agora devaneava, pensando. Ele, porém, despertou ao toque, e se dirigiu severamente para as pessoas, repreendendo-as. Elas, no entanto, o atacaram também, dizendo que já que havia apoiado Zaya, ele deveria ser mergulhado com ela na fonte. Dessa forma, avançaram em direção aos dois.

A mão de um deles, um dos chefes do movimento, já estava estendida, quando ele deu um grito grave, e pressionou as mãos contra o torso. Enquanto os outros o observaram, assustados, gritou terrivelmente ainda mais, demonstrando muita dor. Ainda enquanto as pessoas o encaravam, seu rosto ficou cada vez mais escuro e ele caiu diante deles, gemeu mais um pouco de dor, e então morreu.

Todas as pessoas gritaram, aterrorizadas, e fugiram dizendo:

– O gigante! O gigante! Ele está de fato entre nós! – Temiam ainda mais pelo fato de não poder vê-lo.

Mas antes que pudessem deixar o mercado municipal, em cujo centro se encontrava a fonte, muitos caíram mortos.

Ali no centro, ajoelharam-se o velho e a menina, em oração; e os pássaros se empoleiraram ao redor da fonte, quietos e parados, e não se ouvia nada a não ser os gritos das pessoas. Em seguida, o som de gritos soava cada vez mais alto, dizendo que a praga gigante estava entre eles, e não havia escapatória, sendo muito tarde para fugir.

Ai de mim! No Reino do Pôr do Sol houve muita lamentação naquele dia; e quando a noite caiu, houve pouco sono, porque havia medo em alguns corações e dor em outros. Ninguém estava tranquilo, exceção feita pelos mortos, que jaziam rijos sobre a cidade, tão parados e sem vida que nem mesmo a fria luz da lua e as sombras das nuvens que se moviam à deriva sobre eles poderia fazer com que parecessem com os vivos.

E, para muitos, foi um dia longo de dor, pesar e morte no Reino do Pôr do Sol.

Knoal e Zaya fizeram tudo que puderam para ajudar os pobres coitados, mas era muito difícil assistir as

peessoas, pois o gigante invisível estava entre eles, circulando para lá e para cá pela cidade, de modo que ninguém podia dizer onde ele colocaria a seguir sua gélida palma.

Alguns fugiram da cidade, mas sem resultados, pois não importava o quão longe chegassem, continuavam dentro do alcance do gigante invisível. De quando em quando, ele transformava seus corações em gelo com seu hálito e toque, e eles caíam mortos.

Alguns, como aqueles que ficaram dentro da cidade, foram poupados. Destes, uma parte pereceu, vítima da fome, e os outros do grupo voltaram rastejando tristemente para a cidade onde viveram e morreram entre seus amigos. E tudo isso era tão triste, que lá não havia nada a não ser pesar e lágrimas da alvorada até o crepúsculo.

Agora, veja como os pequenos amiguinhos de Zaya a ajudavam.

Eles pareciam perceber a chegada do gigante quando ninguém mais o notava, nem mesmo a própria Zaya, e davam um jeito de avisá-la quando havia perigo, com a sua maneira própria de conversar.

A princípio, Knoal e ela voltavam para dormir todas as noites na casa feita de grandes blocos de pedra, e vinham novamente para a cidade ao amanhecer, ficando com os pobres e doentes, confortando-os e os alimentando, e dando remédios que Knoal, com sua grande sabedoria, sabia que lhes fariam bem. Assim, eles salvaram muitas preciosas vidas humanas, e os que foram resgatados ficavam muito agradecidos, e, doravante, viveram vidas mais piedosas e abnegadas.

Após alguns dias, entretanto, descobriram que as pessoas pobres precisavam ainda mais da ajuda durante a noite, então vieram para a cidade e passaram a viver junto deles, prestando assistência dia e noite aos acometidos por esse mal.

Ao nascer do sol, Zaya saía para respirar o ar matinal; uma vez desperta do sono, seus amiguinhos plumados a esperavam. Eles cantavam animados cânticos de felicidade, e vinham e pousavam sobre seus ombros e sua cabeça e a beijavam. Então, se ela tentasse ir em direção a algum lugar no qual a praga atacara durante a noite, eles voavam diante dela e tentavam impedi-la, gritando em seu próprio idioma:

– Recue! Volte!

Eles bicavam o pão dela e bebiam de sua xícara antes que ela as tocasse; e quando havia perigo – já que a mão do gigante pairava em toda parte – eles gritavam:

– Não, não! – E ela não tocava na comida, ou deixava que outros o fizessem.

Frequentemente acontecia de uma bicadinha no pão ou um golinho da bebida ser suficiente para fazer com que o pobre passarinho caísse agitando as asinhas e expirasse, mas todos os que morriam o faziam com um gorjeio de alegria, olhando para a sua jovem senhora, por quem eles tinham perecido com satisfação. Quando os passarinhos descobriam que o pão e a xícara estavam livres de perigo, olhavam para Zaya vividamente e batiam as asas tentando cantar, parecendo satisfeitos com o sorriso da menina.

Havia um velho pássaro que sempre levava um segundo a mais, e frequentemente dava muitas bicadas no pão quando estava bom, de maneira que sempre tivesse uma boa refeição. E algumas vezes ele comia até que Zaya lhe balançasse o dedo e dissesse:

– Guloso! – E ele saía, como se não tivesse feito nada.

Havia outro querido pássaro, um sabiá, com o peito tão laranja quanto o pôr do sol, que amava Zaya mais do que se pode imaginar. Quando ele experimentava a comida e descobria que era segura para comer, pegava um pedacinho em seu bico e voava para colocar na boca dela.

Cada um dos passarinhos que bebiam da xícara de Zaya e descobriam que estava boa, agradeciam, e desde então todos os passarinhos passaram a fazer o mesmo, sem nunca se esquecer de agradecer, diferentemente de algumas crianças mal-educadas.

Embora Knoal e Zaya vivessem e muitos tivessem morrido naquele local, o gigante ainda permanecia na cidade. Muitos tinham falecido, mas alguém poderia se perguntar como tinha sobrado tanta gente. Apenas quando a cidade começou a se diluir que as pessoas se deram conta do vasto número de habitantes do lugar.

Zaya, pobrezinha, tinha ficado tão pálida e magra que parecia um espectro, e a figura de Knoal tinha sofrido mais em algumas poucas semanas do que em um século. Mas, apesar de os dois estarem cansados e

desgastados, continuavam no empenho de ajudar os doentes e necessitados.

Muitos dos passarinhos estavam mortos.

Em uma manhã, o ancião estava muito fraco, tão fraco que mal conseguia se sustentar em pé. Zaya estava preocupada e perguntou:

– Você está doente, papai? – Agora ela sempre o chamava de papai.

Ele respondeu com uma voz de coitado, rouca e baixa, mas muito terna:

– Minha menina, temo que o fim se aproxime: leve-me para casa, para que lá eu morra.

A essas palavras, Zaya deu um grito baixo e caiu de joelhos ao lado dele, enterrando a cabeça em seu peito e chorando amargamente, enquanto o abraçou bem perto. Mas ela tinha pouco tempo para o pranto, pois o idoso lutava para ficar de pé. Vendo que ele precisava de sua ajuda, enxugou as lágrimas e o auxiliou.

O velho levou seu cajado, e com Zaya ajudando a apoiá-lo, chegou até a fonte no meio da praça do mercado; e ali, no degrau mais baixo, ele se sentou como que exausto. Zaya sentiu-o esfriar como gelo e soube que a mão fria do gigante o havia tocado.

Então, sem saber por quê, ela olhou para onde tinha visto o gigante pela última vez, quando Knoal e ela estiveram ao lado da fonte. E eis que enquanto olhava, segurando a mão de Knoal, viu a terrível forma sombria do gigante, por tanto tempo invisível, tornando-se cada vez mais aparente em contraste com as nuvens.

Seu rosto permanecia severo, e seus olhos ainda estavam cegos.

Zaya gritou para o gigante, ainda apertando a mão de Knoal:

– Ele não, ele não! Oh, poderoso gigante! Ele não! Ele não! – Curvou a cabeça e chorou.

Havia tanta angústia em seu coração que vieram lágrimas para os olhos cegos do gigante sombrio que caíam como o orvalho sobre a testa do homem velho. Knoal falou para Zaya:

– Não sofra, minha criança. Fico feliz que você pôde ver o gigante mais uma vez, pois eu tenho esperança de que ele enfim deixará nossa cidade livre de provações. Eu sou a última vítima e morro alegremente.

Então Zaya se ajoelhou para o gigante e disse:

– Poupe-o! Oh! Poupe-o e me leve! Mas poupe-o! Poupe-o!

O velho ergueu-se sobre o cotovelo, mas ainda deitado e falou para ela:

– Não sofra, minha pequena, e não fique triste. Eu sei que você ficaria feliz em dar a sua vida pela minha, mas temos de dar para o bem dos outros aquilo que é mais precioso para nós do que as nossas próprias vidas. Deus te abençoe, minha pequena, e seja boa. Adeus! Adeus!

Assim que falou a última palavra, ficou frio como a morte, e seu espírito se foi.

Zaya se ajoelhou e rezou; e quando olhou para cima, viu o gigante sombrio se afastando.

O gigante se virou enquanto passava, e Zaya viu que seus olhos cegos olhavam para ela como se estivessem tentando ver. Ele levantou os braços grandes e sombrios, ainda envolto em seu manto de névoa, como que a abençoando; e ela pensou que o vento que passou por ela gemendo trazia o eco das palavras:

– Inocência e devoção salvaram a terra.

Em seguida, ela viu ao longe a grande sombra gigante pestilenta se afastando para a fronteira do território e passando por entre os espíritos guardiões através do portal para os desertos além, embora para sempre.

Equipe Balão Editorial

Flávia Cristina Yacubian
Guilherme Kroll Domingues
Natália Carrança Tudrey

ISBN | 978 85 63223 27-2



Acompanhe-nos na web!

www.balaoeditorial.com.br

Twitter: @balaoeditorial

Facebook: www.facebook.com/balaoeditorial

Para falar com a gente:

balaoeditorial@balaoeditorial.com.br